

Crianças trocam um ano da infância pela boa escola

*Eliane Bardanachvili e
Borges Neto*

Desde março, Eduardo Martins Pinheiro incorporou a rotina de um vestibulando. Estuda o dia inteiro, inclusive nos fins-de-semana, não frequenta a casa de praia da família, foi ao cinema só duas vezes e o aparelho de televisão de sua casa vive desligado. Mas em vez de concorrer a uma vaga em curso superior, o pequeno Eduardo, de seis anos, deseja apenas começar sua vida acadêmica numa boa escola.

Ele é um dos milhares de estudantes entre cinco e quinze anos que precisam passar, nesta época do ano, pelo *vestibulinho* — um verdadeiro vestibular para gente miúda —, se quiserem assegurar vaga numa meia dúzia de escolas que garantem ensino de qualidade, artigo cada vez mais raro no panorama educacional brasileiro.

No Colégio São Bento, Centro do Rio, para onde deseja ir Eduardo, a relação candidato/vaga é de cinco para um. No afamado Colégio de Aplicação da Uerj, público, chegou a 33 para um, no último concurso, realizado logo depois das greves intermináveis das escolas públicas estaduais e municipais, no ano passado. Como as vagas são poucas e a disputa por um bom ensino é enorme, as eleitas boas escolas — a maioria de formação religiosa — sentem-se à vontade para ficar com os melhores alunos, identificados por critérios de seleção quase tão rigorosos quanto os que se vêem no Japão e na França, onde as médias exigidas beiram a nota 10.

Seleção necessária — Mesmo as escolas que preferiam optar por uma análise do boletim do candidato, como critério de seleção, acabaram aderindo aos *vestibulinhos*. O Colégio Nossa Senhora das Dores, em Porto Alegre, fará este ano pela primeira vez um exame de seleção, para escolher um em cada quatro candidatos ávidos por um banco escolar da 5ª série do 1º grau à 3ª do 2º grau. O mesmo acontece com o Colégio Rio Branco, em São Paulo, depois de mais de dez anos sem realizar concursos. “A procura estava crescendo demais e precisávamos selecionar os melhores”, diz Primo Pascoli Melare, diretor geral da escola.

O *funil* está, principalmente, nas séries de transição — as 1ª e 5ª do 1º grau e a 1ª do 2º grau. A procura cresce, mas as vagas nas boas escolas continuam as mesmas. Nos últimos três anos, aumentou de 400 para 600 o número de alunos que disputam as 20 vagas anuais oferecidas pelo Colégio Arquidiocesano de São Paulo. “A experiência mostrou que os alunos admitidos sem exame prévio acabam reprovados ou abandonando o curso”, justifica Primo Melare.

Foi o que levou também a direção do Colégio Marista São José, no Rio, a restringir mais o critério de aprovação em seus concursos. Ao contrário do que acontecia há cinco anos, hoje, mesmo que sobrassem vagas, o candidato que tirasse menos de cinco em cada uma das provas de Português e Matemática não poderia ser aprovado. “Temos que ser seletivos”, confirma a supervisora de 1º grau, Maria Helena Elias.

Na saudável busca pela excelência do ensino para seus filhos, os pais de classe média têm se mostrado capazes de qualquer sacrifício. “Esperava-se uma evasão por causa dos aumentos abusivos das mensalidades, que variam de NCz\$ 400 a NCz\$ 900, mas mesmo com sacrifício financeiro os pais preferem submeter os filhos a exames do que enfrentar a má qualidade das escolas públicas”, diagnostica o gaúcho Norberto França, presidente da Federação das Associações de Pais de Escolas Particulares, de Porto Alegre.

Madrugada na fila — A maratona a ser percorrida para garantir um bom ensino exige, no entanto, muito mais do que uma farta conta bancária. Para não abrir mão de boa formação para o pequeno Eduardo, seus pais, a anesthesiologista Terezinha e o engenheiro Dalberto, prontificaram-se a enfrentar a batalha que começa já no momento de inscrição para o concurso. Algumas escolas abrem inscrições por apenas um dia, como o Colégio São Bento. Quem não madrugar na fila, perde a chance de concorrer.

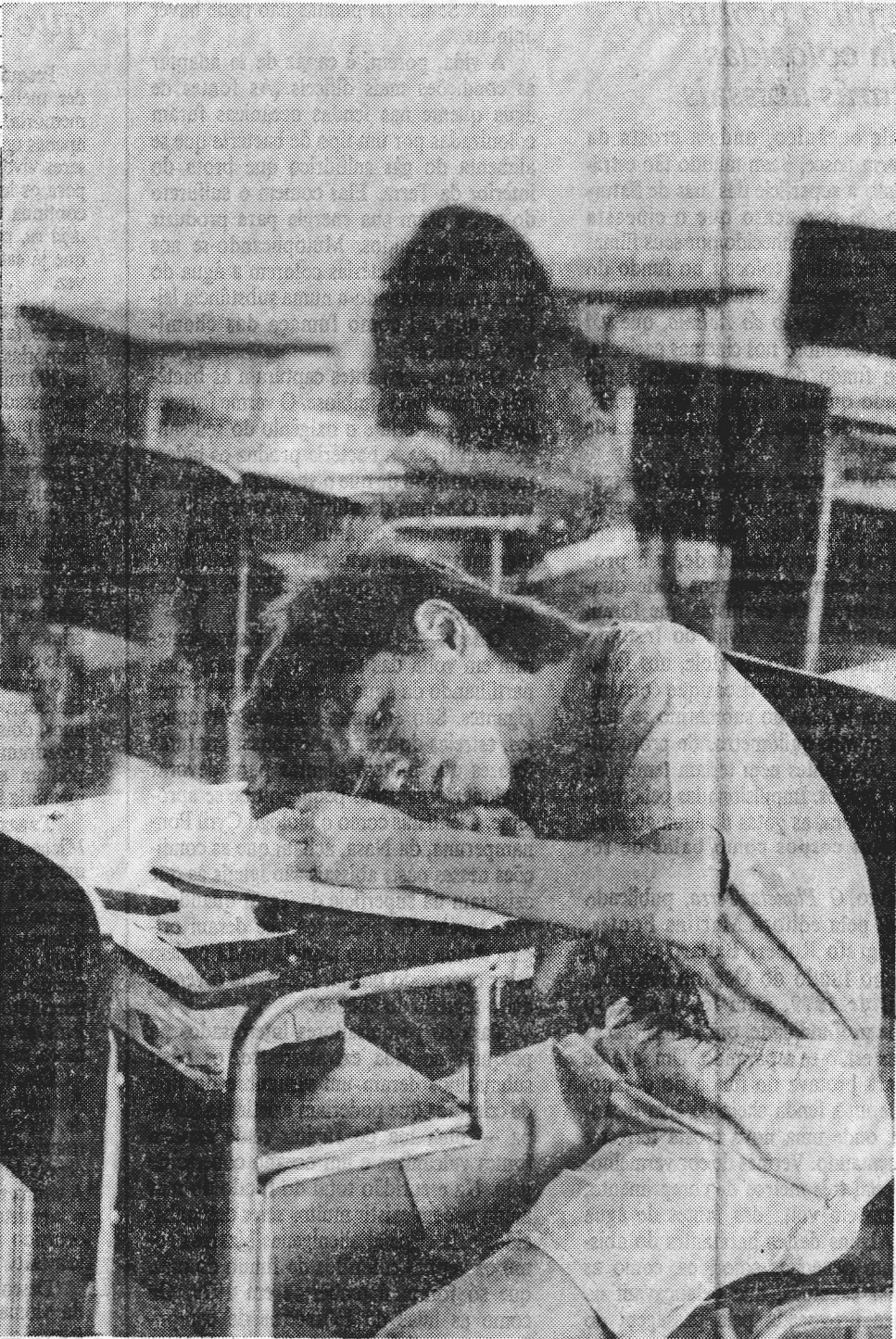
Entram na avaliação o desempenho do candidato na escola de origem, seu desembaraço em entrevista com um coordenador da futura escola, além das provas propriamente ditas, na maioria das vezes de Português e Matemática. As crianças que se candidatam à 1ª série do 1º grau passam, ainda, por testes de coordenação motora e de percepção visual e auditiva. “É importante que eles estejam preparados para enfrentar uma 1ª série forte”, explica a coordenadora de 1º grau do São Bento, Samaritana Vieira.

Na competição, pelo menos uma arma parece indispensável: o professor particular, para ajudar o candidato a nivelar-se ao programa exigido nos concursos e que é fornecido previamente. Eduardo, por exemplo, teve aulas particulares quatro vezes por semana, e foi aprovado na primeira fase da seleção do São Bento, no dia 28 de outubro. O programa inclui matérias do ano letivo inteiro e que ainda não foram apresentadas nas escolas de origem dos candidatos, uma vez que o ano não terminou.

No Colégio Marista de Brasília, com inscrições abertas e que já recebeu 180 inscrições para 55 vagas, os próprios professores oferecem aulas particulares aos candidatos. Adotado há seis anos, o critério de seleção por concurso é “ideal”, para a coordenadora de ensino Maria Dadviva. “Desta forma o Marista mantém seu padrão de qualidade. No último ano do 2º grau, os alunos não precisam fazer cursinho pré-vestibular”, orgulha-se.

Outros diretores, no entanto, se pudessem escolher, abririam mão do concurso. “É um pouco violento. Se houvesse outros meios de escolher os candidatos, não faríamos o concurso”, diz o frei Vicente Diez, supervisor geral do concorrido Colégio Santo Agostinho, no Leblon. Para ele, os 252 candidatos às 50 vagas para a 1ª série do 2º grau na escola, que fizeram provas no final de outubro, dobrariam, se o critério de seleção não fosse rígido. “O teste ainda tem esta vantagem. Acaba afastando muita gente”, diz ele.

Fernanda Mayrink



Felipe Lefevre, 11 anos, disputa uma vaga para a quinta série

Christina Bocayuva



Eduardo, 6 anos, não vai à praia e não vê televisão desde março